



Nellizinha do Santo Deus
no dia da sua Primeira Comunhão

NELLIZINHA
«IDO SANTO DEUS»
VIOLETA DO SANTÍSSIMO

POR
FREI PEDRO SINZIG, O. F. M.

SEGUNDA A EDIÇÃO ALEMÃ DO MESMO OPÚSCULO

QUARTA EDIÇÃO

92.0
N42245
B0028892



Editora. "Vozes" — Petropolis E. do Rio

IMPRIMATUR

Friburgi Brisgoviae, die 1 Februarii 1914.
† Thomas, Archiepps.

IMPRIMI PERMITTITUR

Petropoli, die 18 Septembris 1913.
Fr. *Celsus Dreiling*
Deleg. Provlis.

IMPRIMA-SE

Por comissão especial do exmo. e revmo.
sr. bispo de Nictheroy, D. José Pereira Alves.
Petropolis, 1 de Dezembro de 1937.
Frei Oswaldo Schlenger, O. F. M.

IMPRESA NACIONAL

Biblioteca de Recreio

Nº

80

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Data

14 / 3 / 1950

PREFACIO

ESTE livrinho tem por autor o Dr. J. A. Scannell, distincto theologo do seminário sacerdotal de Cork (Irlanda).

A heroína chama-se Nellizinha "do Santo Deus", virtuosissima criança irlandeza. O entusiasmo que ella despertou chegou a tal ponto, que se tomaram informações completas de todos os que tinham privado intimamente com a privilegiada criança. Numerosos depoimentos de testemunhas fidedignas foram enviados para Roma.

As idéas e palavras extraordinárias de Nellizinha não podem ter origem na influencia da enfermeira, Miss Hall, pois esta há pouco tinha entrado na Igreja catholica e ainda recebia lições de doutrina christã.

Si ás vezes, narrando os actos heróicos de Nellizinha, occorrem espontaneamente ex-

pressões como "santa", "bem dita", é claro que não se querem antecipar decisões ecclesiasticas.

O livrinho, escripto primeiro em inglez, chegou em pouco tempo a ser traduzido em italiano, flamengo, francez, alemão, hollandez e até japonez.

Quem o verteu para o alemão foi o padre benedictino Dom Hildebrando Bihlmeyer, que também me facilitou a edição brasileira, aplanando com amabilidade extrema todas as difficuldades.

Ao traductor alemão, como também ao autor, apresento aqui os meus sinceros agradecimentos.

Do subido valor deste livrinho o mesmo leitor julgará. Quanto a mim, confesso-o francamente, li umas dezenas de paginas e admirei-me de ter encontrado na pagina do titulo o nome do P. Hildebrando. Mas continuei, e eis que pouco a pouco tudo mudou de aspecto. O que antes me parecia demasiadamente infantil, afigurou-se-me então muito justo para demonstrar a completa transformação tão somente operada pela graça de Deus numa criancinha que em tudo mais era como as outras.

A benção de Deus não tem faltado até aqui ao livrinho, pois foram propagados em breve tempo 150.000 exemplares da edição ingleza, e da alemã 45.000 exemplares.

E' porque desperta alegria e commove os corações de todos quantos souberam conservar algo da alma infantil, cândida e ardente, que tão sympathicamente transluz da vida de Nellizinha.

Além disso, a heroina é dos nossos dias, o que constitue mais uma prova clarissima da santidade da Igreja nos tempos modernos, como nos antigos.

Moderno também, na melhor accepção da palavra, é o fim do opúsculo: Promover a devoção a nosso Salvador no Santissimo Sacramento, quer dizer, chamar a attenção para os thesouros, escondidos, sim, mas reaes, infinitos, inesgotáveis de riqueza, graça e felicidade, que estão depositados neste fôco ou centro da Igreja, e que por cegueira, ignorância e falta de fé tantos homens estão procurando inutilmente em toda a parte, menos no Santissimo Sacramento.

Possa, pois, Nellizinha contribuir com o seu quinhão para conduzir muitos extravia-

dos a esta fonte de felicidade, e que ella, linda flor eucharistica, faça brotar muitas outras igualmente bellas na terra de Santa Cruz.

Petropolis, 17 de Setembro de 1913.

Frei Pedro Sinzig, O. F. M.

1. Uma cartinha infantil ao Santo Padre

POUCOS mezes depois de o Santo Padre ter publicado o decreto sobre a communhão das crianças, que tantas bênçãos trouxe ao mundo infantil, chegou ao Vaticano, em Roma, uma cartinha tocante. Veiu da Irlanda, da grande cidade industrial e maritima de Cork, onde as irmãs do Bom Pastor dirigem um collegio para meninas pobres e um orphanato, estabelecidos no arrabalde Sunday's Well. A cartinha dizia assim:

"Querido Santo Padre:

Nós, as crianças da escola de São Finbar, agradecemos todas ao bom Deus, que vos inspirou a dar o decreto sobre a primeira communhão.

Não deixaremos nunca de rezar por vós; queremos que o bom Deus vos guarde no seu santissimo Coração.

Que magnifico presente nos destes a nós, as crianças! Poder já receber a sagrada communhão tão cedo dá-nos tanta alegria, que nos atrevemos a mandar-vos esta cartinha de agradecimento.

Perguntamo-nos muitas vezes, Santo Padre, si já ouvistes alguma coisa da nossa querida Nellizinha. Ella tinha quatro annos e tres mezes, quando recebeu o bom Deus. Pedira muitas vezes o "Santo Deus", até que o nosso bom bispo não pôde mais negar-lh'o. E por isso ella commungou a 6 de Dezembro de 1907. Nós todas assistimos e cantámos o hymno da primeira communhão.

Que pena, Santo Padre, não terdes assistido! Deveis saber que nós estávamos todas commovidas, quando vimos que uma criança recebia o bom Deus no coração, como si fosse já pessoa grande, e quando vimos como todo o seu rostozinho resplandecia de amor.

Antes de morrer, ella recebeu 31 vezes mais a sagrada communhão. Algumas vezes offereceu-a por vós, Santo Padre, e pela

Igreja. E todos os dias rezou por vós, querido Santo Padre, e por todas as necessidades da nossa santa Igreja.

O bom Deus e nossa Senhora receberam-na no céu no dia 2 de Fevereiro de 1908.

Estamos muito contentes de ser educadas na mesma escola onde Nelli viveu e morreu. Quando precisamos de alguma coisa, rezamos a ella, e Deus ouve quasi sempre as nossas orações.

Faz agora um anno que, na oração da noite, começamos uma novena, para que ella impetrasse um grande milagre. Queríamos que Nelli nos alcançasse a graça de as suas antigas condiscipulas e todas as crianças no mundo poderem receber a sagrada communhão quando tivessem mais ou menos a mesma idade que ella tinha então.

Não é justo acreditarmos que foi ella quem conseguiu o vosso decreto sobre a primeira communhão, e que nós e todas as crianças devemos esta graça á nossa companheirinha?

E, si pensamos bem, seríamos felizes, mesmo muito, querido Santo Padre, si quizesseis canonizar a nossa florzinha celestial, como a pequena santa da communhão das crianças.

A nossa boa Nelli gostava muito das flores, principalmente das violetas. E por isso chamavam-lhe ás vezes a violetazinha do Santissimo Sacramento.

Nem tudo podemos contar-vos, querido Santo Padre. Mas sabemos que as irmãs guardam todas as suas palavras como um thesouro.

Sabemos também quanto ella ansiava pelo "Santo Deus" e como o recebeu. Ella pediu no céu que o mesmo Deus também nos visitasse a nós, e também nós o recebêssemos. Oh! sim, ella é a violetazinha do Santissimo Sacramento!

E agora pedimos perdão, querido Santo Padre, de vos tirarmos tanto tempo precioso com esta cartinha. Ajoelhamo-nos em espirito aos vossos pés, pedindo-vos uma benção particular para toda esta casa, para todas as crianças da Irlanda, e rogamos também para o paiz onde brotou esta florzinha, para a nossa querida pátria irlandeza".

Acompanhando por uma carta estas linhas emocionantes das educandas, o bispo de Cork diz que a carta das pequenas era toda delias. E prosegue:

"Nellizinha, de quem escrevem, foi uma criança extraordinária de todo. Fraquinha desde pequena, algum tanto deformada, e soffrendo quasi sempre, já desde o terceiro anno da sua existência foi illuminada por Deus de um modo milagroso. Sentia-se atrahida particularmente pelo Santissimo Sacramento. Costumava pedir á enfermeira que a levasse á capella, onde então ficava muito tempo como que extasiada na presença do "Santo Deus", como chamava ao Salvador. E, não podendo ser attendida, pedia á enfermeira, que todas as manhãs viesse beijá-la depois da communhão.

Julguei dever satisfazer o seu ardente desejo do santo manjar, e permitti-lhe recebê-lo. Ella fê-lo muitas vezes mais, antes de morrer. Depois da communhão ficava enlevada em oração durante horas, e quando a enfermeira lhe perguntava o que fazia, respondia que falava com o santo Deus".

Como era de suppôr, o Santo Padre leu esta cartinha infantil com intima alegria e commoção. Pegou logo na penna para escrever esta resposta autographa:

"Felicito affectuosamente as queridas educandas das irmãs do Bom Pastor em Cork

pelos seus sentimentos de santo amor a nosso Salvador no Santíssimo Sacramento da Eucharistia, dos quaes me falaram na sua piedosa cartinha, e agradeço-lhes muito também as suas orações pela santa Igreja e por mim. Que sejam toda a vida tão boas como a sua pequena condiscipula Nelli, que já quando criança foi levada para o céu, onde está rezando por todas vós, pelo bem-estar das vossas familias, pelas irmãs, pelos vossos superiores e em particular pelo vosso venerando bispo. Com estes votos dou de coração, a todos, a benção apostólica.

Do Vaticano, aos 24 de Novembro de 1910.

Pio X, Papa".

Ainda que o Santo Padre não tenha até hoje correspondido ao desejo ingénuo de "canonizar esta florzinha celestial", talvez possamos nutrir alguma esperança, devido ás palavras significativas da sua resposta em que, referindo-se a Nellizinha, diz "que já quando criança foi levada para o céu".

Entretanto passemos a lançar um olhar ao jardim abençoado onde a pequena violeta do Santíssimo Sacramento derramou tão doces perfumes.

Z. A' porta do orphanato

Resoava sonoro o som da campainha do orphanato de Sunday's Well. Era numa linda manhã do mez de Maio de 1907.

Lá fóra estavam duas crianças pobres: uma menina magra e pallida, com uma irmãzinha de olhos escuros e de uma delicadeza quasi transparente. As mãos da Caridade levaram-nas até ali. Abriu-se a porta, e uma irmã bondosa recebeu-as com o carinho de uma mãe.

Dizia um olhar para os documentos que traziam que eram de familia pobre, mas honesta, e que não possuia outra fortuna além da sua firme fé catholica, tradicional na Irlanda, desde séculos, nos tempos mais tristes. O pae das meninas, William Organ, era operário e casara-se no verão de 1896 com uma boa jovem de Portlaw, Mary Aherne. A sua vida matrimonial foi provada pela cruz de muitos soffrimentos e privações; pesava sobre elles a pobreza com todos os seus cuidados. Passado um anno de matrimonio, William Organ assentou praça, sendo destinado para a artilharia da fortaleza de Waterford. Foi transferido juntamente com a fa-

milia, em 1905, para a fortaleza de uma ilha no porto de Cork.

Deus abençoara a sua união com quatro filhos, dois meninos e duas meninas. A mais nova delias, Helena, chamada ordinariamente Nellizinha, nasceu a 24 de Agosto de 1903 em Waterford, sendo baptizada poucos dias depois. A mãe, cuidadosa, trabalhava dia e noite pelo bem-estar corporal dos seus filhos, mas ainda mais por implantar nas suas almas infantis a semente da piedade e da virtude. Notou, porém, com triste magua, que diminuía constantemente a sua própria saúde, que nunca fôra muito boa. Lutou corajosamente contra a enfermidade, esquecendo os seus soffrimentos e cuidando sempre do bem dos filhos.

Veu o anno cie 1907, e Deus, terminando os seus soffrimentos, chamou-a para si. Entre amargas lagrimas, Nellizinha, com os irmãos, acompanhou o féretro da sua mãe ao cemitério silencioso.

De combinação com o pae, cujos deveres lhe difficultavam a educação dos filhos ainda menores, o clero da parochia e outras pessoas caridosas fizeram internar os pequenos orphãos de mãe em boas casas de educação.

Foi assim que Maria, de dez annos de idade, e a sua irmãzinha Nelli entraram para o orphanato das irmãs do Bom Pastor.

As religiosas não demoraram em chamar a enfermeira leiga do Instituto, Miss Hall, para que as informasse do estado de saúde das pequenas educandas. Ella declarou que soffriam ambas de coqueluche, e que era conveniente chamar o medico. Este, vindo incontinenti, examinou as crianças e mandou conduzi-las ao hospital.

Mandaram vir o carro para doentes. Nellizinha, entretanto, começou a chorar amargamente, como si soffresse agudas dores phisicas. A coqueluche sacudia-a, fraquinha como era, com toda a violência. A enfermeira, que ficou com ellas, offereceu-lhe algumas pastilhas lenitivas. Nellizinha accitou-as com a condição de a enfermeira também as provar. Deu então algumas á sua irmã e contentou-se com as poucas que ainda restaram.

Pouco depois, o carro levou-as ao hospital do districto, onde Nellizinha e sua irmã permaneceram durante dez semanas. As irmãs que tinham a seu cargo o serviço da

casa, bem como os médicos, dispensaram ás pequenas todos os cuidados.

3. O primeiro dia no orphanato

A 20 de Julho as duas irmãzinhas foram levadas novamente para as irmãs do Bom Pastor, em Sunday's Well. Estavam mais fortes, mas ainda assim pareciam pallidas e fraquinhas.

Cheias de curiosidade, as outras crianças rodearam as recém-vindas, para cumprimentá-las, e em breve Maria e Nellizinha trocaram com ellas as suas confidencias infantis. Ficaram ainda juntas á ceia no refeitório commum, e as duas irmãzinhas eram visivelmente felizes no seu novo lar. Foram levadas para a cama pouco depois da ceia, tendo sido preparado para Nellizinha um pequeno leito no dormitório das meninas já um pouco crescidas.

No dia seguinte, domingo, levaram-nas á missa na capella do convento. Festejava-se o dia de santa Maria Magdalena, padroeira da Congregação do Bom Pastor, sendo cantados alguns hymnos sacros em sua honra

pelo côro formado peias crianças. Ouvindo os sons do órgão, Nellizinha voltou-se, juntando as mãozinhas nas costas, e, fitando os seus grandes olhos morenos no organista, escutava a musica com enlevo. As outras meninas perceberam-no bem e, rindo, commentavam no recreio o procedimento da pequena. Em Nellizinha, sem duvida, estava despertando uma como que paixão por tudo quanto era grande e bello.

Notaram logo, nesta primeira manhã, que a pequerrucha comia extremamente pouco, tanto que as irmãs novamente recearam da sua saúde. Já vestida do bello uniforme azul das orphãzinhas, levaram-na depois do almoço á irmã Magdalena, cujo onomástico estava sendo festejado alegremente pelas crianças e por toda a familia religiosa. A pequerrucha ia devagar por todo o corredor, abrindo os bracinhos com que receando cair, até que a boa enfermeira a tomou nos braços e a assentou num vão de janella, para que descansasse um pouco. Offereceu terna e carinhosamente um morango á criança. Mas a meiga menina propoz com confidencia captivante: "Coma antes um bocado, depois eu comerei o outro".

4. Como a pequerrucha reprimia as lagrimas

Nellizinha começou a tomar parte na ordem do dia prescripta ás suas companheiras. O seu ser captivante e infantil fê-la ser logo queridissima de todas. Parecia emanar-se delia um encanto especial. As crianças e as próprias religiosas sentiam-se attrahidas, sem poderem adivinhar a fonte da força occulta.

Foi especialmente a irmã Immaculada, directora da rouparia, quem desde o principio tomou o mais vivo interesse pela pequenina, empenhando-se seriamente no estudo do character e das disposições delia. Resolveu acompanhar com attenção toda a evolução do character da sua pequena protegida.

Nelli, dizia a irmã de si para si, é uma criança de intelligencia extraordinária, de um carinho terno e de magnanimidade; mas, apesar disso, revelam-se nella, ás vezes, certos principios de teimosia e capricho.

Nellizinha rompia frequentemente em copioso pranto, principalmente quando devia

assentar-se e estar quietinha. A irmã, ao principio, viu nisto algo de caprichoso, pelo que se julgou obrigada a intervir. Reconheceu, porém, mais tarde, que Nellizinha tinha a columna vertebral muito curvada, sentindo por isso grandes dores quando obrigada a ficar muito tempo assentada. Ainda assim, a heróica criança não se queixava nunca. Pelo contrario, esforçava-se não poucas vezes por conter energicamente as lagrimas ao sentir dores fortes. Só mais tarde, quando a menina que tinha a sua cama junto á de Nelli, contou como a criança chorava ás vezes durante toda a noite, é que se comprehendeu bem quanto ella devia soffrer.

Transportaram Nellizinha para a enfermaria, onde podiam continuamente velar por ella. Ahi a criança dormia melhor, pelo que de manhã se apresentava mais forte e melhor disposta. Não a deixaram acompanhar as outras crianças para o almoço, mas deram-lhe na enfermaria a sua chicara de leite e o seu pão, almoço que ella costumava repartir com um gatinho preto que apreciava summamente, o qual retribuia a confiança da pequenina.

5. Sapatinhos novos e meias encarnadas

No sabbado seguinte a irmã comprou para Nelli um par de sapatinhos leves, porque as botinas que as orphãs costumavam calçar eram muito pesadas para os seus pézinhos delicados. E surpreendeu-a também com meias encarnadas, que tinha feito para ella. Era um encanto a pequenina, vestida no domingo toda de branco com os sapatinhos novos e as meias encarnadas. Todas em casa sentiam-se encantadas com ella e attrahidas pela sua mysteriosa belleza. A viva luz daquelles grandes olhos escuros indicava uma força de character em verdade extraordinária naquella idade.

Na segunda-feira seguinte, Nellizinha appareceu de novo com as meias encarnadas e os lindos sapatinhos que tinham provocado a admiração das pequenas companheiras. Por algumas horas mostrou-se inteiramente alegre e satisfeita. Mas uma mudança lhe veiu; mostrou-se cada vez mais inquieta e rompeu finalmente em abundantes lagrimas. Em vão a irmã procurou tranquillizá-la. Sabendo quanto Nellizinha estava apegada aos seus sapatinhos novos e ás meias, amea-

çou tirar-lhos, caso não voltasse a ser boazinha como antes. Mas isto foi demasiado para a pequenina. Chorou ainda mais copiosamente. Tiraram-lhe, pois, os sapatinhos e as meias, mandando buscar as velhas. A irmã observava-a e notou que a criança não se oppoz, mas ainda ajudou a tirar as lindas coisas que tanto amava.

Passados alguns momentos, a pequenina aproximou-se lentamente da irmã e disse-lhe: "Estou arrependida, mãezinha". Esta confissão de todo espontânea tocou o coração bondoso da irmã. Tomou o anjinho nos seus braços e fez-lhe festas com todo o carinho.

Nos dias seguintes, Nellizinha parecia novamente passar bem e sentir-se feliz. Só de vez em quando, ao ser-lhe mandado assentar-se e estar quieta, lhe brilharam algumas lagrimas nos olhos. A irmã, que ainda não conhecia a verdadeira causa do choro da menina, viu com satisfação os seus esforços heróicos para vencer o ímpeto natural de chorar, em que, por ignorância, via uma falta a corrigir.

6. A satisfação por uma teimazinha

Uma tarde, Nellizinha brincava com as crianças no pateo. Ao tocar as trindades, as crianças rezaram em commum e foram para casa cear. Nelli parecia deixar de brincar de má vontade. As companheiras obedientes avisaram-na de apressar-se, si queria receber algo para comer. Ella, porém, não quiz entrar na casa. Fingiram deixá-la, mas, num esconderijo, esperavam curiosas para ver o que ella faria. Julgavam que começaria logo a chorar; mas não, continuou a brincar tranquillamente, subindo e descendo uma escada estendida no chão, e cantando satisfeita. As outras tiveram finalmente que se mostrar para levá-la comsigo.

No dia seguinte, a enfermeira reprehen-
deu-a brandamente:

— Deves ser boazinha, Nelli, e não deves deter as outras meninas quando são horas de" cear.

— Mas ellas podiam ir quando quizessem, -- respondeu a pequena -- e também foram, deixando-me sozinha.

— Mas não estás arrependida de as deteres pelo menos um pouco?

— Sim, estou arrependida.

— Então di-lo ao bom Deus.

Num instante a pequenita poz-se de joelhos. E cheia de simplicidade tocante e infantil, movia os innocentes lábios numa prece: "Santo Deus, sinto muito, muito, ter detido as meninas que iam cear. Perdoae-me. Fazei que eu seja uma boa criança, e abençoa e a mim e a minha mãezinha".

7. Accidente funesto

Foi durante o tempo de silencio de manhã, que deram a Nelli, que estava pouco socegada, umas bolas para brincar (1). Com imprudência infantil metteu uma delias na bocca e enguliu-a num movimento súbito. Correram apressadas e encontraram-na quasi suffocada. A enfermeira, chamada incontinenti, sahiu com ella da sala. Acharam no caminho uma das irmãs. Vendo-a, Nellizinha precipitou-se para os braços delia, mas sem proferir a menor queixa. Levaram-na para o pequeno hospital do Sagrado Coração, se-

1) Vêm na gravura publicada a pag. 48, em cima da Imagem do menino Jesus de Praga.

parado do convento, onde conseguiram emfim tirar a bola. Nos dias seguintes, porém, a criança achava-se muito fraca. O medico examinou-a cuidadosamente, proferindo uma sentença nada tranquillizadora. Os bacillos terríveis, que já lhe haviam levado a mãe á sepultura, também tinham tomado posse do seu pequeno corpo; em poucos dias a menina piorou a ponto de não dar já ao medico esperanças de poder salvá-la.

8. Gomo Nellizinha reteve uma irmã

Uma noite, estando extremamente fraca, exprimiu o desejo de falar á irmã superiora e á irmã Immaculada, que ambas correram á enfermaria.

Vendo-as, Nellizinha exultou, e quando uma das irmãs se debruçava sobre ella, reteve-a pertinho de si, segurando-a bem e tomando nas mãozinhas a cruz peitoral da irmã. Era para a freira uma posição bem incommoda, mas sabendo que o menor esforço poderia prejudicar a saúde da doentinha, assim ficou até que a deixasse após vários pedidos. A religiosa estava commovida com a inesperada prova de carinho da orphãzinha;

só mais tarde se lembrou das reprehensões e dos pequenos castigos que tinha dado a Nelli. Não queria à menina mostrar, assim, que tudo isto não lhe deixara o menor rancor?

9. A sua devoção ao menino Jesus

Nellizinha, ainda de cama na enfermaria do sagrado Coração, olhava com attenção para um altazinho onde estava uma imagem do menino Jesus de Praga (1). A enfermeira, sempre solícita por ella, explicou-lhe que representava nosso Senhor quando criança. Incontinenti despertou o interesse da menina. A enfermeira contou-lhe logo a historia do nascimento de Jesus e do seu grande amor por nós; a pequenina escutava com o maior entusiasmo, alegrando-se cada vez mais com a "historia do santo Deus, quando elle ainda era menino".

Lembraram-lhe que fizesse uma novena ao menino Jesus de Praga, para que sarasse depressa, ao que annuiu com todo o prazer. Effectivamente accentuaram-se-lhe as melho-

1) Esta imagem vê-se também na gravura d*
Pagina 48.

ras ao fim da novena, de modo que podiam permittir-lhe levantar-se de dia por algumas horas.

Nellizinha ficou muito commovida com esta resposta de Deus á sua oração, e quando pouco depois a própria enfermeira cahiu doente, ella chamou uma das meninas maiores, dizendo-lhe: "Vá buscar-me o meu santo Deus. Colloque-o nesta cadeira bem pertinho de mim. Quero pedir-lhe que dê a saúde á mãezinha. Tambem a deu a mim, você sabe".

10. Uma troca singular

Começa assim a devoção da pequerrucha ao menino Jesus. Desde então não passava por diante de uma imagem ou um quadro do divino Infante sem parar e dirigir-lhe as suas orações e os seus pedidos.

Aproximando-se um dia de uma imagem de nossa Senhora com o menino Jesus, tocou com a sua mãozinha no globo que Jesus tinha nas mãos, e disse-lhe:

— Si me deres a tua bola, dar-te-ei os meus sapatinhos.

— Mas, Nelli, — interrompeu a enfermeira, — não podes recebê-la.

— Elle pode dar-m'a, si quízer, — respondeu com fé e confiança a innocente menina.

11. Como ansiava visitar a casa do "santo Deus"

A's vezes, quando a saúde lh'o permittia, a enfermeira levava a menina ao jardim. Costumava visitar de passagem a capella do convento. Nelli desde muito antes ansiava já por essa visita, sabendo que a capella era a "casa do santo Deus, onde se vae falar com elle".

Algumas vezes miss Hall, a enfermeira, rezava a via-sacra, tomando então a criança nos braços. Chegando um dia á estação da crucifixão, Nelli ficou agitada.

— Por que fizeram assim? -- perguntou com vozinha tremula.

A enfermeira explicou-lhe brevemente que "o santo Deus quiz soffrer pelos nossos pecados".

— Mas por que deixou que lhe fizessem mal? Elle podia impedi-lo!

Miss Hall começou então a explicar-lhe do modo mais simples o mysterio do amor de

Christo por nós, e contou-lhe quanto soffreu na sua dolorosa paixão.

Nelli ouvia interessada, e ao terminar a enfermeira a historia do Calvário, a dedicada pequerrucha, rompendo em lagrimas, soluçou: "Pobre santo Deus! Pobre santo Deus!"

12. A sua pena de Jesus no tabernáculo

"Um dia — escreve assim a irmã superiora - - encontrei-me com miss Hall, quando regressava da capella, com a criança no braços. Parei e perguntei-lhe: "Então, como vae hoje a nossa pequerrucha?" Em vez de responder-me miss Hall, Nellizinha lançou os seus bracinhos em redor do meu pescoço. Senti neste momento como que sair da menina um quê de santidade, que ainda não tinha observado até então".

Mau grado a sua pouca idade, Nellizinha tinha comprehendido bem a idéa da presença de Jesus no tabernáculo. Este mysterio tocara profundamente na sua alma infantil.

Perguntou assim um dia á enfermeira, numa visita á capella: "Por que está o santo Deus encerrado numa casa tão pequenina?"

Não foi muito fácil a ella, convertida que lera, explicar á sua intelligencia infantil o mysterio da presença de Christo sob as espécies sacramentaes. Mas a criança parecia comprehender tudo muito bem. Estava visivelmente contente por saber que "o santo Deus não ficava opprimido pela casa pequenina".

18. A amiga das florzinhas

Nellizinha manifestou uma grande predilecção pelas flores nos seus passeios pelo jardim, sempre acompanhada pela enfermeira ou por uma das irmãs. Dizia mais de uma vez que o "santo Deus é tão bomzinho, por nos dar tão lindas flores". Colhia frequentemente flores no cemitério, exactamente no lugar onde repousa hoje o corpo da santa criança. Dava-as então á irmã para o altar. As meninas da escola ainda hoje costumam seguir o exemplo da sua querida Nellizinha, (colhendo margaridinhas para o "santo Deus".

Regressando um dia do passeio, Nellizinha parou em frente da imagem do sagrado Coração, que se encontra na parede do pavilhão

dos enfermos. Viu que algumas das flores estavam *murchas* e outras já inutilizadas de todo.

— Veja estas flores sujas! — exclamou indignada, — é preciso tirá-las.

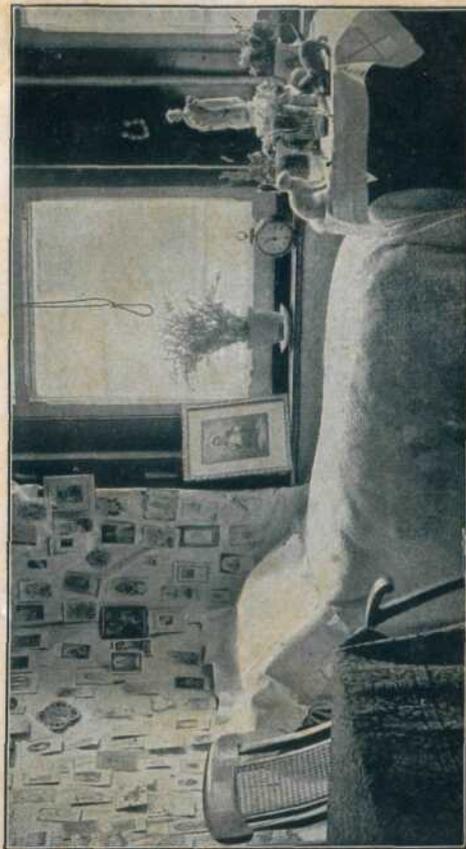
E ainda muito tempo depois, quando já tão debilitada que não podia deixar o leito, perguntava frequentemente á irmã superiora si tinham "tirado as flores sujas da imagem do santo Deus".

14. Como se mostrava reconhecida

A pequena teve que ficar dois mezes no pavilhão dos doentes. Miss Hall julgou preciso passar ás vezes também a noite junto delia, e a pequenina com o seu génio piedoso não deixava de se mostrar muito agradecida por esta atenção.

— O santo Deus levou a minha *mãezinha*, — dizia-lhe ás vezes, — mas elle deu-te a mim para que sejas outra minha *mãezinha*".

E estendia as suas pequeninas mãos transparentes através da grade do leito para pegar na mão da sua "*mãezinha*" e apertá-la com uma ternura tocante, até que os seus



A cama em que Nellzinha jazia doente, e diferentes objectos de lembrança

delicados dos afrouxavam-se pouco a pouco, cahindo ella em somno agitado.

15. **Recebe uma florzinha do menino Jesus**

Emquanto, porém, o seu corpo débil definhava mais e mais sob a influencia da doença traiçoeira, o seu coração e a sua alma abriam-se cada vez mais ao amor de Deus e á luz das suas graças.

O altazinho com a imagem do menino Jesus de Praga, que lhe ficava perto do leito, foi o objecto de seu maior cuidado. Ella frequentemente pedia flores fresquinhas e azeite para a lampadazinha que ardia diante da imagem.

Um dia, a menina que velava perto delia, enquanto miss Hall visitava as outras doentes, foi a um quarto contiguo ver alguma coisa. Ouviu um ruido leve e voltou rapidamente, sem suspeitar que Nellizinha poderia ter-se levantado do leito. Viu com espanto que a criança, que definhava há mezes, tinha uma flor na mão, esforçando-se debalde por subir novamente ao leito.

— O' criança má! — exclamou a menina indignada, — deixa estar, que eu direi á mãe que tiraste uma flor!

Ao principio Nellizinha não respondeu, mas apertava a flor ao seu coração. Disse então tranquillamente que essa flor era sua. E mais tarde, quando sozinha com a enfermeira, confessou-lhe: "Mãezinha, sinto ter tomado a flor. Mas eu falei com o santo Deus, e elle deu-ma. Elle o fez, mãezinha...".

16. Gomo sentia logo si alguém tinha commungado ou não

Começou a desenvolver-se uma disposição especial na sua alma infantil para adivinhar e como que sentir a presença de Jesus no Santissimo Sacramento. Este admirável dom divino causava naquelle tempo espanto e admiração, e talvez não pudesse ser explicado, si a historia da vida posterior de Nellizinha não nos desse alguns dados.

A menina de que acima se falou, todas as manhãs se levantava cedinho para ouvir missa e receber a sagrada communhão. Uma vez levantou-se como de costume, mas deixou de ir á capella, ficando na cozinha do pavilhão dos enfermos, talvez por não se sentir bem,

talvez por não deixar sozinha a pequena doente. Mas quanto não se surprehendeu ao ouvir da pequenina, para junto de quem voltara, as palavras de seria reprehensão: "Hoje não recebeste o santo Deus. Eu o direi á mãezinha!"

A menina julgou que a criança tinha percebido como ella dera voltas pela cozinha. Veiu-lhe por isso a idéa de tentar a pequena na primeira occasião. Foi á porta do pavilhão, deu ao trinco, fechou novamente a porta e fez assim como si fosse dessa vez á santa missa. Tirou então os sapatos e moveu-se o menos possivel na cozinha durante todo o tempo da missa. Voltando depois ao quarto de Nelli, deu ares da maior ingenuidade. A criança, porém, fitou os seus olhos escrutadores na face da menina e, evidentemente afflictta, repetiu-lhe as palavras de reprehensão:

— Hoje não recebeste o santo Deus!

— Mas como podes saber isso, meu coração? — replicou a menina, surprehendida.
— Não percebeste como eu fechei a porta?

— Não importa! - - foi a resposta enérgica da pequenina. — Eu sei que não recebeste o santo Deus.

17. Como soffria heroicamente

Foi em fins de Setembro que Nellizinha teve uma recaída. Levaram-na então do pavilhão dos doentes do sagrado Coração para a pequena e bem installada enfermaria da escola, onde a menina encarregada do tratamento a recebeu com todo o carinho.

Nelli comia pouquissimo, mas soffria muito com a sêde. Tentaram fazer-lhe comer, mas, embora obediente e meiga, ficou horas inteiras com a tijela de sopa, esforçando-se em vão por tomar uma colher. Perguntando-se-lhe o motivo, dizia ter muitas dores na garganta. O medico examinou-a, mas não encontrou nada de importância.

Quando, poucas semanas depois, a enfermeira lavou com um desinfectante a boquinha da menina, descobriu que um dente penetrara na raiz da lingua. Não foi fácil tirá-lo, mas quando o conseguiram afinal - - imaginem com quantas dores para a pequenina! — dizia Nelli triumphante: "Não é verdade, mãezinha, que eu tinha uma garganta má?" Não é para estranhar que admirassem a paciência da criança, que durante todas

aquellas semanas não manifestou a menor queixa pelas dores agudas que soffria.

A sêde que a atormentava crescia cada vez mais. Com vozinha tremula de dôr, Nelli chamava ás vezes de noite pela menina que dormia junto delia, pedindo um gole de leite. Si a menina não ouvia o seu primeiro pedido, Nelli não a chamava nunca pela segunda vez, para lhe não perturbar o somno, e preferia esperar resignada até pela manhã.

Os soffrimentos, porém, tornaram-se-lhe afinal quasi insupportaveis. A pequenina pediu então a miss Hall que ficasse de noite com ella. Miss Hall annuiu de bom grado e preparou a sua cama no quarto da criança. Esta observava attentamente todos os movimentos da enfermeira, e a ajudou a estender bem os lençoes. — Não posso ver dobras na cama da mãezinha, -- disse com actividade encantadora.

18. Visita mysteriosa de Deus a Neliizinha

A mudança de enfermeira proporcionou a Neliizinha occasião para as conversações espirituaes, que ella tanto apreciava. Miss Hall, como convertida que era, viu-se não poucas

vezes embaraçada em responder bem ás perguntas da criança. Confessou que tinha frequentemente de pedir algum esclarecimento ás irmãs. E muitas vezes as observações da pequerrucha a impressionavam a ponto de vencer facilmente dali por diante os seus preconceitos contra certas doutrinas e praticas da fé catholica.

De facto, Nellizinha parecia viver immersa na idéa da presença de Deus, tão confidencial e carinhosamente falava do "santo Deus"; e esta vida interior crescia á medida da diminuição das suas forças corporaes.

Certa manhã, a irmã Immaculada e miss Hall visitaram-na juntas. A pequerrucha tinha passado toda a noite em claro. Formou-se uma conversação singular:

— Como vae hoje o meu bemzinho? — perguntou a enfermeira. — Eu pensava que você já devia estar com o bom Deus.

— Oh! não! — respondeu Nellizinha vivamente, -- o santo Deus disse que ainda não sou bastante boa para ir para elle.

— Mas quando soubeste isso do santo Deus? -- perguntou a enfermeira.

— Elle veiu e esteve ali, -- respondeu a criança, apontando com o dedinho para um lado da sua caminha; — e elle disse assim.

Cruzaram-se admirados os olhares das duas visitantes.

— Onde esteve elle, Nelli? — perguntou então a irmã.

— Ali, — repetiu decidida e energicamente, apontando para o mesmo lugar.

— E como estava elle? -- investigou novamente a irmã.

— Assim, — respondeu Nelli, cruzando respeitosamente as mãozinhas sobre o peito.

A irmã e a enfermeira, é certo, estavam pasmadas com esta noticia. Seria apenas um jogo da fantasia, ou teria Deus distinguido esta criancinha, como o fez a outras almas escolhidas?

Reflectindo seriamente, acharam melhor não communicar a ninguém coisa alguma, si Nelli não tornasse mais tarde a falar disso. Mas ella, quando já no limiar da eternidade, referiu-se mais uma vez á visita do "santo Deus".

19. O seu lenitivo nas dores

Os progressos de Nellizinha no conhecimento da religião foram admiráveis, visto a sua tenra idade. Tinha decorado as orações da manhã e da noite, os actos de fé, esperança e caridade, e conhecia os mysterios principaes da nossa santa religião e muita coisa da vida do Salvador.

Mais admirável ainda foi o seu progresso na santidade. Mostrou uma terna devoção á paixão de nosso Senhor. Lembrando-se-lhe que unisse as suas dores ás de Jesus, parecia comprehender immediatamente esta idéa e não hesitou em fazer o sacrificio heróico, supportando as mais horrorosas dores sem queixa nem murmuração.

Tinha um crucifixo junto do seu leito. Quando as suas dores se tornavam quasi insupportaveis, tomava-o na sua mãozinha, fitava-o attentamente e murmurava: "Pobre santo Deus!...".

Durante o dia rezava frequentemente, edificando a todas pela sua seriedade e pelo seu recolhimento. Rezava por todos os que lhe eram caros, pelas irmãs, pelo bispo, pela

sua enfermeira e pelas suas companheirinhas; e todos os dias erguia preces pelo bem-estar da santa Igreja de Jesus Christo e pelo seu representante na terra.

20. A sua devoção pelo rosário

Era tocante, sobretudo, ver como ella rezava o terço. Beijava então todas as contas e dizia todas as orações devagarinho e com boa pronuncia, e isto com um recolhimento tal, que não se encontra em crianças da sua idade.

— Eu estava uma noite assentada — assim escreve a superiora — junto do seu leito e perguntei-lhe: "Queres que te conte alguma coisa, filhinha, ou vamos rezar o terço?" — "Rezar o terço, mãezinha", foi sua resposta. Apenas acabei de rezar algumas Ave Marias, ouvi-lhe dizer baixinho: "Ajoelhe-se, mãezinha!" Ao principio não fiz caso e continuei até ao fim da primeira dezena. Ella, então, repetiu em tom decidido: "Mãezinha, ajoelhe-se!" E não me restou outra coisa si não terminar o terço de joelhos.

21. Nellizinha, soldado de Deus

Tão compenetradas estavam as freiras da piedade e da compreensão da criança querida, que lhes veiu a idéa de mandar administrar-lhe o sacramento da confirmação, antes que Deus a chamasse para si. Já tinham rezado segundo esta intenção, mas ainda não ousavam falar nisso ao bispo.

Quão grande, porém, foi a sua alegria, quando o bispo, a 8 de Outubro de 1907, lhes communicou inesperadamente pelo telephone que chegaria ao meio dia ao convento, porque queria *chrismar* a Nellizinha.

Parecia ser por inspiração de Deus, pois desde então a piedosa criança recebeu graças de todo extraordinárias.

Ao saber Nelli que seria "um soldado do santo Deus", a sua felicidade foi sem limites. As irmãs julgaram conveniente dar-lhe antes mais algumas explicações de doutrina, mas acharam que, talvez por revelação divina, ella já sabia muito daquillo que queriam ensinar-lhe.

Uma irmã explicou-lhe as ceremonias do *chrisma*, ouvindo ella com a maior attenção. E quanto mais se aproximava a hora bemdi-

ta, mais crescia o jubilo na alma de Nellizinha. Tremiam-lhe de *prazer* todos os membros.

Finda a solennidade, levaram-na ao locutório para receber novamente a benção do bispo, que estava visivelmente commovido pela piedade da criança distinguida por Deus.

Miss Hall tinha preparado no seu próprio quarto o leito de Nellizinha, para que ali passasse o resto do dia bemdito. Ao ser transportada para lá, saudou cheia de jubilo a sua "mãezinha" com as palavras: "Agora sou um pequeno soldado do santo Deus".

22. As suas saudades do santo Deus

Na noite do dia da sua confirmação, Nellizinha pediu á madre superiora que lhe permittisse morar de então em diante no quarto de miss Hall; e após alguma reflexão a superiora concedeu-lh'o. A pequenina passou, pois, para o seu novo quarto, ficando nelle até ser chamada por Deus para a pátria celestial.

As graças recebidas na confirmação produziram em breve fructos visíveis no espirito e no coração da piedosa menina.

Foi, antes de tudo, o presentimento milagroso - - ou dever-se-ia chamá-lo visão? — da presença real do Salvador no Santissimo Sacramento. Este presentimento passou cada vez mais a ser uma espécie de visão, enchendo a sua alma angélica do amor ardente de Jesus no tabernáculo e fazendo nascer nella um desejo insaciável de unir-se intimamente com o seu Deus na sagrada communhão.

As irmãs só notaram pouco a pouco o progresso extraordinário na vida interior de Nellizinha. Tiveram que reconhecê-lo pelas observações ingénuas da pequenina, que, embora revestidas da linguagem infantil, reproduziam os pensamentos e os sentimentos de seu santo amor de Deus.

Surprehenderam-se ao notar que Nellizinha, sem que ninguém lhe pudesse ter falado, sabia como que instinctivamente quando o Santissimo estava exposto, mesmo que nenhum signal sensível fóra da capella e muito menos no seu quarto lhe indicasse isso. Nos dias de exposição uma santa excitação pare-

cia perpassar pela alma da criança, que pedia então encarecidamente que a levassem á capella. "O santo Deus", dizia ella, "não está hoje encerrado; levem-me a elle!"

Cada vez que chamasse aquella doce e mysteriosa voz do tabernáculo, encontrava éco e resposta na alma da nossa querida criança.

Ouvia-se-lhe então repetir muitas vezes, suspirando e com um olhar que parecia atravessar o véu eucharistico: "Oh! si me dessem o santo Deus! Quando virá emfim também a mim? Oh! si viesse ao meu coração! Tenho tanta saudade delle!..."

23. Nellizinha quer receber um beijo do santo Deus

Todas as manhãs, quando o serviço lh'o permittia, miss Hall descia á capella para assistir á santa missa e receber a sagrada communhão. Algumas vezes, vendo que Nellizinha estava tão fraca, hesitava e não ou-sava deixá-la só. Mas Nelli não a deixava então socegar até ella ir. "Mãezinha", dizia ella, "vá á santa missa, receba o santo Deus, e depois venha beijar-me!"...

Logo depois da sagrada communhão, a enfermeira regressava para junto de Nelli a beijá-la, e esta recebia o beijo com todo o respeito. Fazia-lhe então signal com a mão para que voltasse á capella. Não dizia palavra, nem permittia que a enfermeira interrompesse a sua acção de graças.

24. Saudades de manhã e lagrimas de tarde

A madre superiora visitava todas as noites a menina. Quando, certa vez, se despedia delia, dando-lhe as boas noites, foi surpreendida com este pedido: "Amanhã de manhã, mãezinha, quando receber o santo Deus, não quer trazer-m'o para cá?"

A interpellada não sabia no primeiro momento o que responder. Replicou-lhe, porém, após curta reflexão: "Amanhã pedirei ao bom Deus por ti, para que te queira muito bem, e depois da missa virei ver-te".

Esta resposta pareceu satisfazer a menina. Cheia de alegria, disse pouco depois á sua enfermeira: "A madre superiora traz-me amanhã o santo Deus!"

Antes de amanhecer, Nellizinha estava já acordada. Chamou a enfermeira, repetindo-

lhe sempre: "Mãezinha, mãezinha, levante-se e prepare tudo, pois virá hoje o santo Deus!"

Miss Hall procurou tranquillizá-la e respondeu: "Josephina — uma das meninas — cá estará daqui a pouco, queridinha". Mas Nelli não se deu por satisfeita. "Por que vem então Josephina esta manhã tão tarde? O quarto não ficará pronto!" continuava sem cessar a pequena perturbadora do socego.

A enfermeira, afinal de contas, não teve remédio sinão levantar-se tão cedo. E emquanto arrumava o quarto, sentia-se observada pelo olhar escrutador de Nelli, que não a deixava parar um momento, sem dizer logo: "O que faz, mãezinha? O quarto não ficará pronto! . . ."

Quando veio finalmente o tempo da santa missa, Nelli esperava ansiosamente pela visita da madre superiora, e quando a viu, emfim, entrar sem o "santo Deus", a sua desillusão foi tão grande, que começou a chorar amargamente.

Não pronunciou palavra quasi todo o dia. Só á noite disse á sua enfermeira com um profundo suspiro: "Mãezinha, eu que estava tão certa de receber hoje o santo Deus! . . ."

Este pensamento preocupou a pequerrucha durante mais alguns dias. Estava deitada tão calma e tranquillamente, que mais do que nunca receberam da sua vida. A' noite a enfermeira aproximou-se do seu leito e perguntou-lhe: "Então, meu bemzinho, queres ainda alguma coisa?"

— Não, mãezinha, — respondeu ella; — eu só penso no santo Deus. -- E abriu desmesuradamente os seus olhos amorosos, fitando tristemente a enfermeira, mas completamente resignada.

Desde então nunca mais pediu a sagrada communhão, mas um recolhimento ainda mais profundo parecia ter tomado posse do seu coraçãozinho piedoso.

25. Boa nova e noite de Insónia

"Após madura reflexão -- assim escreve um distincto membro da companhia de Jesus -- respondi ás irmãs estar convencido do que seria melhor interrogar a própria criança. Assim poderiam certificar-se si ella queria realmente receber o "santo Deus", como chamava ao Salvador na sua confidencia respeitosa. Examinei então a criança mi-

nuciosa e completamente, convencendo-me logo firmemente de que ella tinha a plena noção daquillo que tão encarecidamente pedia. .

Este piedoso sacerdote pregava justamente o retiro annual das religiosas, que exigia a prudência de um sacerdote experimentado na cura de almas, pois ainda não tinha sido publicado o decreto do Santo Padre sobre a communhão das crianças. E antes da publicação deste documento abençoado, um facto como o de Nellizinha despertou muito mais a attenção do que hoje o faria.

O padre jesuita usou, pois, da maior prudência. Só depois de ter conversado repetidas vezes com Nellizinha, é que julgou justificada a sua sentença.

— Diga-me, minha filhinha, -- perguntou-lhe numa das suas visitas, -- o que é a sagrada communhão?

— E' o santo Deus, -- respondeu Nellizinha, — é aquelle que faz santas as freiras e outras pessoas.

O bom padre estava afinal certo: "Nelli -- assim escreveu -- tem o pleno uso da razão relativamente a este sacramento. Estou

firmemente convencido de que a criança está em gráu extraordinário animada de um amor ardente a Deus e do desejo ansioso de se unir com elle na sagrada communhão”.

Communicaram a opinião do jesuita ao sr. bispo, que examinou tudo cuidadosamente e deu afinal o seu consentimento.

Foi indizível a alegria de Nellizinha, quando lhe communicaram esta boa nova. "Receberei no meu coração o santo Deus!" foi o estribilho de todos os seus pensamentos e das suas palavras nesse dia. Também não achou socego de noite. Não podia dormir de tanta alegria. Na longa noite acordava e tornava e sempre a acordar a enfermeira, perguntando-lhe si ainda não eram horas. "As estrellinhas", dizia, "já desapareceram. Ligeiro, mãezinha, são horas de levantar!..."

26. O grande dia

Alvoreceu o grande dia, a manhã de 6 de Dezembro de 1907. Receavam que a criança, depois de uma noite de insomnia, não resistisse á emoção e não pudesse receber o Santissimo Sacramento. Mas Nellizinha procurou tranquillizar-se a si mesma. Ficou quietinha na pequena cama. Perpassou-lhe

um leve tremor pelos seus tenros membros, mas a crise receada passou.

Era a primeira sexta-feira do mez, o dia do amor reparador e santo, em que almas generosas de todo o mundo se aproximam do seu Deus sacramentado para testemunhar-lhe a sua fidelidade e a sua dedicação.

Era o dia destinado por Deus, em que a meiga e mysteriosa voz do tabernáculo devia repetir aquelle convite evangelico: "Deixae vir a mim as criancinhas!" Era o dia em que Nellizinha podia na sua alma angélica dar as boas vindas a Jesus, falar-lhe coração a coração e balbuciar-lhe em amor compassivo as suas orações infantis, a elle, ao seu pobre "santo Deus".

Tinha terminado a missa conventual da comunidade e foi exposto o Santissimo.

Já estavam reunidas na capella as irmãs e as meninas, agradecendo a Deus a graça que ia conceder á sua santa amiguinha.

Agora traziam a criancinha delicada e enferma, vestida de branco, com a grinalda e o véu na cabecinha, e levaram-na ao altar de seu Deus.

Silencio profundo reinava em toda a capella... As próprias crianças mais peque-

nas cessaram de balbuciar e segredar as suas orações santas e innocentes, para não perturbarem o recolhimento da bemdita amiguinha, que ali estava diante do Santissimo, silenciosa, immovel, a cabeça inclinada profundamente, absorta santamente.

E o sacerdote de Deus, o dispensador dos seus santos mysterios, foi ao altar e abriu o sacrário, que encerra o prisioneiro do amor.

"*Misereatur vestri. . .*", e todas as mãos formaram uma cruz da testa ao peito e do hombro esquerdo ao direito.

"*Domine, non sum dignus. . .*", e todas as cabeças inclinaram-se com humildade.

Viu-se o sacerdote descer do altar.

Nellizinha levantou a cabecinha, e o "santo Deus" entrou no seu coração. As suas vivas saudades morreram emfim; o seu pedido estava satisfeito.

"A criança", diz o jesuita acima citado, "estava com verdadeira fome do seu Deus e recebeu-o das minhas mãos com um amor ardente".

Resoavam agora, da bocca das outras crianças, os sons do cântico da primeira communhão; talvez pediam supplices que Deus também as visitasse em breve.

Ella, porém, a pequenina santa, lá estava immovel, impassivel a tudo quanto a cercava, em conversação intima, amorosa, com o seu Salvador.

Reflectiam no seu rostozinho, radiante de alegria, os raios daquella luz eterna que agora brilhava no fundo do seu coração.

27. Presentes das amiguinhas e de Deus

Depois da primeira communhão, Nellizinha foi levada novamente para o seu leito no quarto de miss Hall. Continuou o dia todo naquelle profundo recolhimento que se encontra só nas almas escolhidas.

Visitaram-na algumas irmãs e muitas companheiras, trazendo-lhe pequenos presentes, santinhos, escapulários, medalhas, etc. Agradeceu a todas tranquilla e cordialmente, e pediu á enfermeira que pendurasse os presentes á volta do seu leito. Mas apenas os visitantes se afastaram, ella tornou a erguer as mãozinhas, e os seus lábios innocentes moveram-se de novo em amor de gratidão ao santo Deus.

As irmãs estavam agora plenamente convencidas de ter cumprido a vontade de Deus, admitindo a pequenina á sagrada communhão.

A terrível doença tinha já começado a sua obra de destruição. O queixo* da pobre criança já estava sendo devorado pela carie, exhalando ás vezes um cheiro insupportavel.

Mas, singular! depois da primeira communhão de Nellizinha, deu-se uma mudança admirável: o cheiro incommodo desapareceu completamente!

No domingo seguinte, Nelli tornou a receber a sagrada communhão, e todos os corações sentiram-se mais uma vez presos de santa emoção.

De tarde, depois da benção com o Santissimo Sacramento, a menina foi admittida na Congregação das Filhas de Maria, comportando-se ella com extrema dignidade. Os seus radiantes olhos seguiam todos os movimentos do capellão, enquanto os lábios se lhe moviam em silenciosa prece. Ao signal dado levantou a cabecinha e recebeu devotamente a fita com a medalha, o distinctivo das Filhas de Maria.

28. O que a sustentava no martyrio

O corpo da pequenina era cada vez mais presa dos bacillos destruidores da tísica. Nellizinha enfraqueceu a ponto de julgarem conveniente administrar-lhe os últimos sacramentos.

A santa Igreja tinha feito tudo quanto podia por esta alma innocentinha. Fizera-a participar ricamente dos divinos dons da graça. Nelli tinha recebido os sacramentos do baptismo, da confirmação, da penitencia, da communhão e da extrema unção, ella, uma criancinha apenas de quatro primaveras.

Parecia iniciar-se agora o ultimo periodo da sua vida, um martyrio lento e continuo. Admiraram-se até de que vivesse ainda mais dois mezes. Os dias de amargas dores prolongaram-se em semanas de uma luta permanente com a morte, até que almas compassivas pediram a Deus que a livrasse.

O que dava doce consolação á pequenina martyr e o que lhe animava o coração a padecer heroicamente, era o pensamento de que agora podia receber o "pobre santo Deus". Commungava quasi diariamente. Na véspera

viam-na absorta em recolhimento; ao acordar pela manhã, os seus primeiros pensamentos pareciam sempre dirigidos ao "santo Deus". Nenhuma palavra inútil lhe sahia da bocca antes de receber a Jesus no seu coração e de falar-lhe. Pedia também á enfermeira que não lhe falasse, até que a santa missa tivesse acabado.

Quando o seu estado de saúde não o tornava de todo impossível, ella insistia em ser levada "á casa do santo Deus". Quando, porém, as dores se tornavam demasiadamente fortes, a pequena martyr dizia tristemente e baixinho á enfermeira: "Mãezinha, hoje estou cansada demais para ir ao santo Deus". Levavam-lhe então o pão dos fortes ao quarto, onde preparavam rapidamente um altazinho para a sagrada communhão.

A commungar na capella, edificava na acção de graças até aquellas almas consagradas a Deus que já durante annos serviam dedicadamente ao seu esposo celestial. E quando lhe levavam a sagrada communhão á enfermaria, recebia-a deitada na cama e com uma devoção talvez ainda maior.

Afastando-se em seguida o sacerdote e morrendo ao longe os últimos sons da cam-

painha de prata, ella deixava-se cair nos travesseiros, permanecendo immovel em recolhimento respeitoso. Pedia ás vezes que a virassem para o lado da parede, para que os objectos do quarto, por piedosos e innocentes que fossem, não a distrahissem do único pensamento de adoração amorosa. A sua acção de graças estendia-se não poucas vezes a tres horas, e uma vez até á noite.

"Já me tinham contado — escreve a irmã Maria Francisca — da preparação e da acção de graças de Nellizinha, mas muito disso parecia-me tão incrível numa criancinha tão pequena, que quiz convencer-me por mim mesma. Fui, pois, um dia ao seu quarto.

"Quando veiu o sacerdote, Nellizinha fitou o seu olhar amoroso na pyxide que este trazia nas mãos, e olhava-o constantemente, emquanto lhe dava a sagrada communhão.

"Mal tinha commungado, quando todo o seu rostinho se transfigurou; uma expressão sobrenatural embellezou-lhe as feições; ficou pallida como a morte. Não pude perceber nem o menor movimento e até pensei por um momento que teria morrido. E a razão de tudo: o respeito do Santissimo Sacramento, do santo Deus, que recebera no seu coração.

O excesso de amor e gratidão dominava-lhe a alma a ponto de torná-la insensível ás coisas deste mundo".

29. Os seus admiráveis progressos na paciência

Fôra uma mãe piedosa que desde a mais tenra idade plantara no coração de Nellizinha a semente das virtudes. Esta brotou, graças á palavra e ao exemplo das virtuosas irmãs, até que Deus mesmo veio aquecer a plantinha com os raios solares da sua presença, regá-la com o rocio da sua graça e fazê-la desenvolver-se em bellissima flor e rico fructo. Paciência, humildade, sujeição, bondade, pureza angélica, confiança firmíssima na divina Providencia, tudo isto ouvia-se de todas as suas palavras e acções.

Com que paciência extraordinária supportou a sua longa e dolorosa enfermidade! "A sua energia moral no soffrimento — assim escreve o revmo. sr. bispo de Cork — era verdadeiramente heróica. Ella via-se provada por muitas doenças, entre as quaes a carie no queixo. A ferida tinha de ser lavada todos os dias, o que lhe causava grandes

dores. Também a agonia não conseguiu arrancar-lhe a menor queixa; ella contentava-se com estreitar mais firmemente o crucifixo nas suas mãozinhas".

A pequena martyr não procurava consolações humanas. "O santo Deus", dizia ella, "soffreu muito mais por mim na cruz". E foi esta a sua única consolação neste mundo.

30. A sua humildade em reconhecer as suas faltas

Também Nellizinha teve que sentir essa repugnância que costuma mostrar-se quando estão em luta a natureza e a graça; as próprias almas santas deixam-se levar ás vezes de manifestações de impaciência por soffrimentos corporaes.

Um dia a irmã superiora quiz mostrar alguma coisa a Nellizinha, mas esta, com um gesto de impaciência, pediu-lhe que se retirasse. Depois disto, porém, chamou por ella e não se tranquillizou até que a superiora voltasse. "Mãezinha", supplicou entre lagrimas, "mãezinha, perdôe-me. Não o torno a fazer!" E estreitou-lhe os bracinhos em redor do pescoço, com muita ternura. Os

actos de arrependimento que repetiu muitas vezes durante todo o dia, e a expressão dolorida de seu rostinho mostravam claramente quanto sentia aquella palavra e o gesto de impaciência. Humilhava-se muitas vezes diante de Deus, pedindo-lhe ingenuamente perdão das suas faltas e imperfeições.

Um dia a madre Magdalena, julgando que Nellizinha, que trazia nos braços, estaria a dormir, disse a miss Hall: "Que feliz esta criancinha! Irá direitinha para o céu, pois nunca cometeu um peccado!" No mesmo instante Nelli estremeceu, levantou a cabecinha e negou triste e humildemente: "Oh! sim, mãezinha, eu já commetti um; já disse uma mentira!"

31. A delicadeza de seu coraçãozinho

Quer se dirigissem á nossa pequenina em coisas profanas, quer em coisas sagradas, ella mostrava-se cheia de bondade e generosidade em todas as occasiões.

Recebeu um dia a visita de uma senhora muito attribulada na sua alma. Ninguém, comtudo, tinha falado a Nelli da perturba-

ção de consciência da sua visitante. Ella, porem, leu-lh'o talvez no rosto, ou, quem sabe? tinha conhecimento disso, graças ao dom sobrenatural que a distinguia. Com palavras de ingenuidade infantil, Nellizinha consolou-a santamente, dando-lhe verdadeiro bálsamo para a sua alma. E ao despedir-se a senhora, a criança fez-lhe com agua benta o signal da cruz na testa e segredou-lhe ternamente: "Deus a abençoe e console!" E eis que a piedosa oração foi ouvida quasi no mesmo instante.

A's vezes Nelli recebia algum doce de visitantes bondosos, acceitando-o muito agradecida. Provava-o então para mostrar que sabia apreciar essa attenção, mas apenas se retirava o visitante, ella mandava guardar tudo para mais tarde reparti-lo com as outras crianças.

Era de uma generosidade especial em coisas espirituaes. Rezava por todos os que lhe eram caros, offerecendo por elles a sagrada communhão. Os doentes e afflictos, os pobres peccadores, as necessidades da santa Igreja e do seu venerando chefe, tudo foi

muitas vezes incluído nas suas piedosas orações infantis.

32. A sua predilecção pela côr branca

Nunca se manifestou tanto o seu amor á pureza, como na sua preparação para receber o pão dos anjos. Queria que tudo fosse sem mancha quando o "santo Deus" a vinha visitar; as suas vestes e até as florinhas do pequeno altar deviam ser brancas.

Declarou um dia que não podia receber a sagrada communhão, si não lhe dessem o seu vestidinho branco como a neve. A irmã Maria de Santa Ursula, encarregada de tratar da roupa da menina, quiz que se contentasse desta vez com um vestidinho de flanela multicolor, mas a menina insistiu no seu pedido.

— Não! — respondeu á irmã. — Eu queria o branco. Com um vestido tão commum não posso receber o santo Deus!

A irmã teve, emfim, que ceder, e a pequenina, alegre, exclamou então: "Agora, sim! agora posso receber o santo Deus!"

33. A dar lições a uma irmã

Era admirável a sua firme confiança na Providencia divina. Movia-se, vivia e encontrava tudo — segundo a palavra do apostolo — no seu santo Deus. Tudo o que via em redor de si era o mundo do santo Deus, e não acontecia nada que elle não quizesse.

— O' filhinha, — disse-lhe um dia a irmã superiora Maria de São Francisco de Sales, — quando chegares ao bom Deus, dize-lhe que a irmã Francisca precisa de dinheiro para pagar as suas dividas".

Nellizinha respondeu-lhe tão breve quão cheia de confiança e fé: "O santo Deus sabe-o! E' quanto basta!"

84. Na véspera do Natal

Veiu o tempo feliz de Natal, a festa das crianças. Em toda parte, na escola e no convento, aquifolios com fructas encarnadas e fitas multicores diziam "Boas festas de Natal!"

Na véspera da noite santa levaram a criança ao presépio da capella. Teve um prazer immenso ao ver as diversas figuras do presépio, e beijou com o maior respeito e amor

a imagem do menino Jesus. Quando voltou ao seu quarto, pediu um presepiozinho para si. Encontraram felizmente uma pequena imagem do menino Jesus, com a qual arramaram um presepiozinho na mesinha ao pé da sua cama. A pequerrucha dirigiu cuidadosamente a armação e mandou buscar um pouco de palha para fazer "uma caminha para o santo Deus". A criada, porém, voltou sem ter achado palha. "Lá em baixo, no pateo, há bastante", replicou Nellizinha, e a criada teve que procurar novamente. Achou finalmente um pouco de palha, e Nelli ajudou activamente a "preparar a caminha para o santo Deus". Ella mesma desatou o colmo, para que "não houvesse nós duros na caminha do santo Deus". Deitou então a imagem no presepiozinho e deu-lhe aquifolio nas mãozinhas.

35. A sua communhão na noite de Natal

Bem cedinho a criança procurou adormecer, mas já estava acordada muito antes da meia noite, para começar a sua preparação para a sagrada communhão. Ao querido to-

que da campainha para a missa do gálio, transportaram Nellizinha para a capella.

Acabada a primeira santa missa, começou a segunda. Todos os corações batiam mais fortemente em oração devota e adoração profunda; as irmãs e as crianças, vestidas estas de branco, a cabeça envolta no véu macio das festas, todas radiantes de alegria, todas cercadas de completo silencio, o éco de paz que surge do mundo celestial.

E ali, no seu lugar costumado, estava assentada diante do Santissimo a criaturinha delicada e fraca, Nellizinha. O seu rostinho pallido e descarnado indicava que este seria o seu ultimo Natal na terra. Mas ella estava radiante de amor. Pois podia agora receber o seu santo Deus, agora, nesta noite bendita, em que elle descera do céu para ficar entre nós, os seus filhos... Abaixou a cabeceira em profunda oração; pouco depois levantou-a, seguindo com os olhos todos os movimentos e as acções do sacerdote no altar.

Gloria in excelsis Deo!... Resoava assim em accordes doces e solennes, em pleno silencio de meia-noite, aquelle hymno jubiloso

dos coros celestes, que saudavam o Salvador em Belém, esperado há séculos.

Ao offertorio, o silencio santo e devoto foi interrompido pelo canto apropriado das pequenas: *Adeste, fideles...* "Oh! vinde, fieis, adorar jubilosos". E outra vez, após a manifestação da alegria festiva, silencio solenne. Só no altar se ouvem de vez em quando as palavras de oração do sacerdote, no altar que em breve será transformado em presépio vivo.

Sanctus, sanctus, sanctus... Mais célere, mais alegre a pulsação de muitos corações, que lá batem pelo seu divino Rei, já perto.

E novamente o profundo silencio da noite de Natal... De um e outro lado ecôa um soluço abafado, que indica olhos orvalhados de lagrimas e corações batendo impetuosamente.

E chega a santa elevação. O primeiro signal da campainha de prata. Em santo respeito curvam-se todas as cabeças, bendizendo a quem vem, dando-lhe o primeiro, o mais intimo "Boas festas de Natal!" Sim, a elle, o melhor amigo das suas almas, o seu Salvador, o seu Senhor e Deus.

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi...
O' cordeiro innocente, que quizeste nascer nesta noite sacrosanta, igualar-te a nós e depois morrer após horriveis tormentos como victima pelos peccados do mundo, compadecei-vos de nós; dae-nos a vossa santa paz!
Domine, non sum dignus... Que indigno sou eu!... e todas as cabeças curvam-se novamente.

Aproximam-se agora de Jesus os fieis que lhe conheceram a voz e seguiram o convite.

E afinal — estavam abertas as portas do tabernáculo - - Jesus, o menino de Belém, nascido novamente nas mãos sagradas do seu sacerdote, vem também ao coração de Nellizinha, dar-lhe o seu brinde de Natal, o seu sacramento eucharistico, todo o seu sêr...

E súbito torna-se radiante o rosto de Nelli, ainda pouco antes pallido e descarnado. As pupillas dos seus olhos reluzem com brilho insólito e claro. Immoveis, ellas fitam o tabernáculo, como si quizessem penetrar nos mysterios da vida divina ali occulta.

"Si alguma vez esteve alguém em êxtase", disse mais tarde a irmã Maria de São Pio, que estivera aquella vez ao lado da criança, "então foi Nellizinha, com certeza".

36. Como Nelli passou o dia de Natal

Quando o sacerdote voltou do altar, levaram de novo a criança para sua caminha. Mas a pequena estava sem socego. Chamou a enfermeira, dizendo-lhe: "E' o dia natalicio do santo Deus, que hoje veiu á terra para nos livrar dos peccados. Accenda, pois, as luzes, mãezinha".

E quando as luzes ardiam em redor do presepiozinho, a pequenina chorava de alegria. Em seguida, porém, tendo tornado á calma, começou a entoar alegres hymnos de Natal.

Quando a criança, desenganada pelos médicos, deitada no leito das dores, cantou afinal o seu hymno predilecto, as lagrimas deslizaram dos olhos das testemunhas desta scena tocante de Natal. Teria sido cantado hymno mais bello no silencio da noite santa, do que o entoado pela vozinha fraca da pequena Nelli, aquelle cântico pátrio?

"Escuta, minh'alma, dos anjos o canto,
Que traz boa nova, vindo do alto céu.
Sons melodosos convidam os pobres,
Luz intensa afugenta da noite o véu".

37. Anno bom, triste, mas abençoado

Veiu o anno novo, anunciado pela voz alegre dos sinos. Muitos ouvidos de crianças escutavam-n'os satisfeitos; as fantasias infantis subiam enthusiasmadamente ao reino dourado dos sonhos. O sol quente e claro do optimismo infantil abria á fantasia activa perspectivas de uma nova vida, cheia de venturas sem fim e sem medida.

Só lá em cima, no quarto transformado em enfermaria, é que os sons festivos dos sinos lembravam o dobre a finados. A doença traiçoeira de Nellizinha proseguia mais e mais na sua cruel obra de destruição. O osso do queixo começou a dissolver-se, desfazendo-se já algumas particulas.

Todos os que lhe assistiam, admiravam-se de que ella ainda pudesse viver assim. O alimento em quantidade minima, que ainda tomava, já era por si insufficiente para conservar-lhe a vida, mesmo que o seu estomago não o repellisse. O seu corpinho fraco mantinha-se quasi sem alimento algum. A santa criança parecia viver somente do pão eucharistico.

Outros não podiam vê-la sem que sentissem deslizar-se-lhes as lágrimas, mas Nellizinha estava sempre de bom humor e com piedosa resignação.

— Por que chora tanto, mãezinha? — perguntou ella um dia á madre superiora. — Deve estar contente, pois agora falta pouco para eu ir para o santo Deus!

A morte não era outra coisa para Nellizinha do que o afastamento do véu que lhe cobria a presença visível de Deus.

Olhando pela janella do quarto, admirava as nuvens, que chamava "os amigos e mensageiros do santo Deus". Ouvia o alegre riso das crianças, e alegrava-se de estarem tão contentes "as crianças do santo Deus".

Era esse o mundo da santa criança, o mundo milagroso do santo Deus.

38. Promette mandar flores do jardim do céu

Nellizinha gostava muito das flores frescas e naturaes, "as flores do santo Deus". Não gostava de ver no altar flores artificiaes.

— Tire-as! — dizia energicamente, — ellas são muito grosseiras para o santo Deus! Traga-me as flores do próprio santo Deus!

Acalmando-a, disse-lhe a enfermeira fiel: "Brevemente serás tu mesma uma flor do santo Deus a florescer lá em cima no seu jardim divino".

— E o que alcançarás para mim? — perguntou uma irmã, que estava presente.

— Vou pedir-lhe que lhe mande flores, — respondeu a criança. — "Sim, Nelli", confirmou a irmã, "pede-lhe que me mande algumas das suas flores: almas".

Nellizinha, hoje também uma florzinha no jardim celestial, cumpriu a sua promessa e continua ainda hoje a mandar para o convento as flores do santo Deus que a piedosa irmã tanto desejava...

39. Nellizinha conhece segredos de Deus

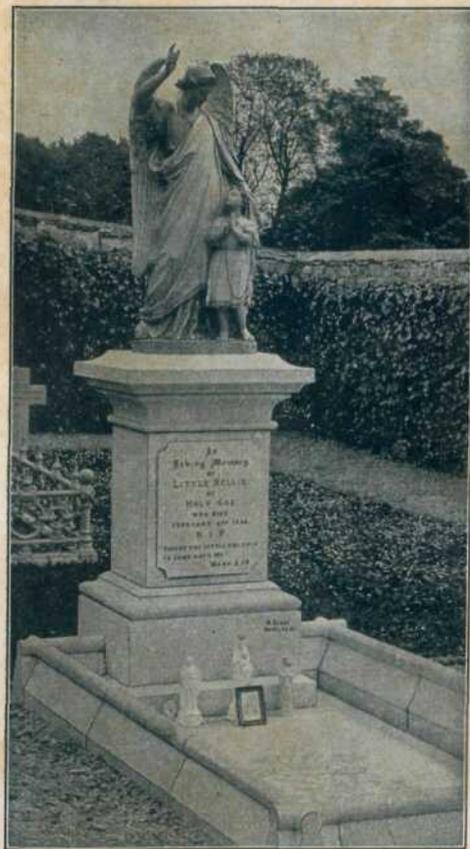
Tornavam-se sempre mais longas e mais frequentes as conversações silenciosas da criança com seu Deus. Muitas vezes pedia que a deixassem a só, pois queria "falar com seu santo Deus". E quando lhe perguntavam si não se sentia abandonada e si não tinha medo, dava sempre a mesma resposta: "Oh! não; pois eu falo com o santo Deus!" E ás vezes, quando insistiam, retorquia: "O

santo Deus diz que eu não devo falar nisso". Só poucas vezes deu a conhecer algo dessas conversações mysteriosas, e neste caso era como que por inspiração divina.

Pediram-lhe, certa vez, que rezasse pelo restabelecimento de um padre jesuita muito amigo, que por doença grave não pôde viajar para Cork. "O santo Deus gosta muito do padre", respondeu ella. Poucos dias depois voltou ao assumpto, asseverando: "Elle melhorará depressa, mas não tornará a verme". As suas palavras foram confirmadas pelos factos.

Em outra occasião recommendaram-lhe rezar pelo restabelecimento de duas irmãs. Disse então, de uma delias, que o santo Deus a faria ficar boa, porque ella ainda devia trabalhar muito para Deus. A outra também teria algumas melhoras, mas estas não seriam completas. E os factos confirmaram mais uma vez o que ella predissera.

Pediram-lhe uma vez que offerecesse a sagrada communhão pelo irmão de miss Hall, mas ella não quiz: "Não posso!" E mais tarde, no mesmo dia ainda, chamou a enfermeira e disse-lhe: "A madre Lattie (i. é, irmã Immaculada) quer que eu offereça a



O jazigo de Nellizinha

minha communhão pelo seu irmão, mas não posso! O santo Deus diz que devo offerê-la pela madre superiora".

Pouco tempo depois do Natal foi recebida no Apostolado da Oração. Parecia comprehender tudo muito bem quando lhe explicaram o fim da irmandade, e duplicava as suas orações pelo santo Padre, "o meu santo Padre", como ella dizia, pelas necessidades da Igreja e pelos peccadores.

40. O aspecto do santo Deus como ella o viu

Foi nessa occasião que a madre superiora lhe mostrou um quadro do sagrado Coração de Jesus. A criança olhava-o attentamente.

— Mas eu não vi assim o santo Deus! — disse, desapprovando.

— Ah! então, como o viste? — perguntou a superiora, admirada.

— Assim! — respondeu Nelli, cruzando então os bracinhos sobre o peito, como daquella vez que falara da sua visão á irmã Immaculada e a miss Hall.

A superiora estava perplexa, pois não tinha ainda ouvido nada daquella "visita do

santo Deus". Falando com a irmã e a enfermeira, estas deram graças a Deus, pois os seus lábios não deviam já ficar fechados; podiam revelar agora o segredo tão fielmente guardado.

Todos os que visitavam Nellizinha estavam encantados da sua santidade extraordinária. Sentiam claramente que em presença desta piedosa criança estavam na fronteira do mundo milagroso, entre este e o mundo d'além túmulo.

41. Gomo deu a benção a um padre

O confessor das irmãs visitou um dia a pequena martyr no seu quarto e conversou com ella. Ao despedir-se de Nellizinha, esta lhe pediu a benção. O sacerdote, commovido de tudo quanto vira e ouvira, disse: "Não sou eu que devo abençoar-te, mas és tu que deves abençoar-me". E a innocente criança tomou logo agua benta, molhando o seu dedo, e fez o signal da cruz na fronte do humilde e piedoso sacerdote, dizendo com todo fervor: "Deus o abençoe, querido padre!"

42. A sua extrema fome do santo Deus

Augmentava de dia para dia a sua devoção extraordinária ao Santissimo Sacramento. Não era possível saciar a fome que sentia do pão dos anjos.

Numa noite acordou muitas vezes a enfermeira, exclamando sem cessar: "Eu queria ter o santo Deus! Ainda não amanhece, mãezinha?"

— Procura dormir, meu bemzinho, — respondeu a enfermeira; — o bom padre ainda demorará muito.

— Vá chamá-lo e diga-lhe que eu quero muito o santo Deus. O padre não está no jardim, mãezinha?

— Não, Nellizinha; elle agora está muito longe, lá em baixo na cidade, onde todos dormem; agora não posso ir chamá-lo.

Amanheceu, emfim, e o desejo ardente de Nellizinha pôde ser satisfeito.

Foi nessa occasião que a sua acção de graças se estendeu até á noite.

Conta a este respeito uma testemunha ocular:

"Quando fui ver a nossa queridinha, pelas 5 1/4 da noite, ella estava quietinha, voltada

para a janella. Tinha ouvido falar de seu procedimento singular durante o correr do dia, e ansiava vê-la. Debrucei-me sobre ella. No mesmo instante ella virou-se e disse: "O' mãezinha, sou tão feliz! Falei com o santo Deus!"... Tremia-lhe a vozinha; o seu rostinho, antes desfigurado totalmente pelas consequências da doença devastadora, estava agora branco como leite; as suas faces, enrubecidas como pecegos; os seus grandes olhos luziam com um brilho tal, que se devia dizer espontaneamente: Estas estrellinhas viram a Deus... E'-me impossivel descrever-lhe o sorriso. Este veio do céu, e em redor da sua caminha havia algo como o perfume delicioso do incenso..."

43. Subindo a escada do céu

A doentinha definiu por todo o mez de Janeiro. Supportava heroicamente os seus soffrimentos, pois estava agora no caminho que conduz ao "santo Deus". Esta idéa sustentava-a. Era qual viajante que de bom grado se sujeita aos pequenos incommodos da viagem, por saber que no fim delia ouvirá as vozes de amigos e parentes queridos, e lhes apertará a mão em carinhoso cumprimento.

Sim, ella estava em caminho para o santo Deus! Quando lhe explicaram que, quanto mais resignada estivesse com os seus soffrimentos, tanto mais pertinho estaria do santo Deus depois de ir ao céu, respondeu ingénua e innocentemente: "Mas, mãezinha, eu não irei! Voarei, sim, voarei para elle!"

Nellizinha, pois, estava a caminho para o santo Deus. Era como si elle estivesse em frente á porta do seu quarto. E ella esperava pacientemente, cheia de confiança, até que pudesse ouvir da sua bocca a palavra: "Vem agora, minha filhinha, vem agora!"...

Voaria para elle, disse uma vez, "no seu próprio dia". Levaria então o seu vestidinho branco da primeira communhão. Oh! e dos braços da sua fiel enfermeira voaria para cima... Era tempo... que preparassem também para esta um bello vestido de festa...

O pensamento dos seus soffrimentos já não a impressionava. Vivia já no antegozo das venturas celestiaes, que já sentia quasi palpavelmente. E esta criancinha singular apenas acabara o seu quarto anno de idade!

De facto: "O pequeno neste mundo é escolhido por Deus para confundir o forte!" (1 Cr 1, 27).

44. A pequenina examina a consciência de uma irmã

De dia para dia diminuiam as forças do seu corpo. Estava já bem próximo o fim. Na quinta-feira, 30 de Janeiro de 1908, recebeu a visita de uma das irmãs. Esta sabia quão brevemente teria de apagar-se a luzinha da sua vida e falou-lhe por isso do que lhe era mais caro.

— Nellizinha, quando chegares ao santo Deus, queres então pedir-lhe que também me mande ir a mim? Tenho tantas saudades da pátria do céu!

A criança olhou-a perscrutadoramente. Os seus olhos admiráveis pareciam brilhar com uma luz sobrenatural. E respondeu em tom solenne e grave: "O santo Deus ainda não pode vir buscá-la, mãezinha. Deve ainda tornar-se melhor e fazer o que elle quiz de si!"...

45. Nellizinha canta ao sentir-se perto da morte

No mesmo dia em que estava prestes a morrer, a criança entoou diversos cânticos. Então chamou de repente a enfermeira para junto de si:

— Diga-me, mãezinha, como passa hoje?

— Muito bem, querida filhinha! — respondeu miss Hall.

— Mas, diga-me, — continuou Nellizinha, — não sente também aproximar-se mais do santo Deus?... Eu sinto-o muito bem.

Segundo piedoso costume, as crianças do Instituto no ultimo dia de Janeiro faziam entre si o sorteio dos mysterios do rosário. Também Nellizinha tirou um. Foi aquelle que correspondia á festa da Purificação, que cahiu no domingo seguinte. A santa criança tinha dito que voaria para o santo Deus "no seu próprio dia". Seria, pois, o próximo domingo o dia em que esse anjinho voaria para o céu?

Na sexta-feira estava tão fraquinha, que a julgavam já morta. Durante a noite teve que lutar com a morte, e também durante o dia seguinte a pequena martyr esteve entre a vida e a morte.

46. O seu vôo para o céu

Rompe a **manhã** do domingo. Silencio **so-** lenne na escola e no convento. São más as novas que de vez em **quando** vêm da enfermaria. A lembrança do presentimento da criança, tão claramente definido, commove todos os corações.

Era dolorosissimo aos visitantes ver a pequenina lutar o dia todo com a morte. As irmãs vinham alternadamente ajoelhar-se e rezar ao pé da sua caminha. **Tres** ficaram com a **filhinha** do "santo Deus"; deviam ser testemunhas da sua santa morte.

Era pelas **tres** horas da tarde. A martyrzinha tornou-se inteiramente tranquilla. Estava assim immovel quasi uma hora. Os seus olhos fitavam alguma coisa, que **ella** parecia ver perto da sua caminha. "Havia um quê de extraordinário nestes **formosissimos** olhos infantis", escreve uma das irmãs; "não era certamente o olhar **indifferente** e severo de alguém que morre".

Faz agora um pequeno movimento. Enchem-se-lhe os olhos de lagrimas, talvez lagrimas de alegria. Quer levantar-se, aproximar-se do ser mysterioso em que **fita** saudosamente os **olhos**...

Depois... um leve sorriso brinca-lhe nos lábios; o seu tremor parece indicar que fala com alguém.

Agora levanta devagarzinho os olhos ao alto, seguindo com uma expressão de amor ardente a visão sobrenatural, que paira por sobre a sua cabeça.

Um ultimo sorriso extático da alma que "achou aquelle a quem ama e a quem jamais deixará", perpassa sobre a delicada e tenra face infantil, e **Nellizinha** "vôa para o santo Deus". Nova **florzinha**, delicada e branca, brota á mesma hora no **paraiso celestial**...

Era a 2 de Fevereiro de 1908, domingo, de tarde, pelas quatro horas, na festa da Purificação de nossa Senhora e da Apresentação do menino Jesus no templo. **Nellizinha** tinha completado quatro annos, cinco **mezes** e onze dias.

47. O enterro da santinha

"**Nellizinha morreu!**"... A triste nova, segredada de bocca em bocca, passou pelo mosteiro e pela escola, deixando em todos os corações um vácuo doloroso.

Mas para que este luto? Não gozava já **Nellizinha** da visão eterna, **beatifica**? Não

lhe estava desvendado o véu? Não via agora face a face aquelle santo Deus cuja presença sensível e divindade occulta tanto tinha amado neste mundo?

Collocaram o cadáver no pequeno leito, que tinha sido a cruz de Nellizinha; haviam-na vestido com a sua roupinha da primeira communhão, a grinalda e o véu na cabeça, e nos pés os sapatinhos bonitos.

Na manhã seguinte o esquife foi transportado para a capella, onde o collocaram no cõro das meninas do collegio.

Tinha terminado a missa de *Requiem*. Vieram as irmãs e as orphãzinhas para o ultimo adeus. Tocaram rosários e medalhas nas suas mãozinhas e beijaram respeitosa-mente o corpo que tinha encerrado uma alma tão querida de Deus.

Muito silenciosamente e quasi sem chamar a attenção, o pequeno préstito fúnebre passou em hora vespertina pelas ruas frequentadas e movimentadas da grande cidade, em direcção ao cemitério commum. Poucas pessoas tomavam parte nelle: a irmãzinha da pequena Nelli, Maria; a enfermeira fiel, miss Hall; a irmã porteira, Teresa, e algumas representantes das orphãs.

Todos os que tinham conhecido Nellizinha em vida estavam convencidos de que ella era agora uma santa de Deus. Sentiam claramente que ella não precisava já das suas orações; antes começaram a pedir-lhe a sua intercessão junto ao throno de Deus.

48. Abrem a sepultura de Nellizinha

A' medida que se tornava conhecida a vida singular de Nellizinha, o seu túmulo no cemitério de São José tornava-se um centro de romarias. Corria de bocca em bocca que, quem ali rezava, achava muita paz e consolação para a sua alma.

Resolveu-se trasladar os restos da pequenina para o cemitério de Sunday's Well. Foi exactamente um anno e uma semana depois da sua morte, que abriram o túmulo. Queriam saber si era possível fazer a transladação. Assistiram como testemunhas um sacerdote bem conhecido (o autor irlandez do livrinho, o lente de theologia Dr. J. A. Scannel), a enfermeira miss Hall, e mais duas outras testemunhas fidedignas.

Com grande admiração de todos (pois a criança fallecera de tísica) o corpo estava

sido as suas companheirinhas. E lá tinha um dia brincado com ellas, com essas felizes "filhinhas do santo Deus".

E' este o jardim onde colhia "flores para o santo Deus". Uma irmã e as suas pequenas ajudantes estavam justamente a plantar uma coroa de violetas, florinhas predilectas de Nellizinha.

Estou agora no silencioso cemitério monástico. Ali é o túmulo de Nellizinha. Em redor vê-se um grupo de piedosos romeiros, moços e velhos, ricos e pobres. Vê-se entre elles um padre jovem; as suas feições pallidas falam de uma doença traiçoeira. Elle está assentado; não pode nem ajoelhar-se nem estar de pé. E pede a única graça de poder mais uma vez celebrar a santa missa, uma só, uma única vez. Depois... faça-se a santa vontade de Deus!

E quem é aquella menina pobre, cujo rosto está radiante de ventura e felicidade?... Ella contou-me a sua historia, essa criança innocente, feliz, grata...

Graças ao grande e bom e santo Deus por tudo! Graças, não em ultimo lugar, pela nova flor celestial, a nossa querida Nellizinha!

INDICE

	Pag.
Prefacio	6
1. Uma cartinha infantil ao Santo Padre	9
2. A' porta do orphanato	15
3. O primeiro dia no orphanato	18
4. Como a pequerrucha reprimia as lagrimas	20
5. Sapatinhos novos e meias encarnadas	22
6. A satisfação por uma teimazinha	24
7. Accidente funesto	25
8. Como Nellizinha reteve uma irmã	26
9. A sua devoção ao menino Jesus	27
10. Uma troca singular	28
11. Como ansiava visitar a casa do "santo Deus"	29
12. A sua pena de Jesus no tabernáculo	30
13. A amiga das florzinhas	31
14. Como se mostrava reconhecida	32
15. Recebe uma florzinha do menino Jesus	33
16. Como sentia logo si alguém tinha commungado ou não	34
17. Como soffria heroicamente	36
18. Visita mysteriosa de Deus a Nellizinha	37
19. O seu lenitivo nas dores	40
20. A sua devoção pelo rosário	41
21. Nellizinha, soldado de Deus	42
22. As suas saudades do santo Deus	43
23. Nellizinha quer receber um beijo do santo Deus	45
24. Saudades de manhã e lagrimas de tarde	46
25. Boa nova e noite de insomnia	48
26. O grande dia	50
27. Presentes das amiguinhas e de Deus	53
28. O que a sustentava no martyrio	55
29. Os seus admiráveis progressos na paciencia	58
30. A sua humildade em reconhecer as suas faltas	59
31. A delicadeza de seu coraçãozinho	60

	Pag.
22. A sua predilecção pela cor branca	62
33. A dar lições a uma irmã	63
34. Na véspera do Natal	63
35. A sua communhão na noite de Natal	64
36. Como passou o dia de Natal	68
37. Anno bom triste, mas abençoado	69
38. Promette mandar flores do jardim do céu	70
39. Nellizinha conhece segredos de Deus	71
40. O aspecto do santo Deus como ella o viu	73
41. Como deu a benção a um padre	74
42. A sua extrema fome do santo Deus	75
43. Subindo a escada do céu	76
44. A pequenina examina a consciencia de uma irmã	73
45. Nellizinha cantando ao sentir-se perto da morte	79
46. O seu vôo para o céu	80
47. O enterro da santinha	81
48. Abrem a sepultura de Nellizinha	83
49. A trasladação do seu corpo. Milagres	84
50. No túmulo de Nellizinha	85